

Codificar a Ausência: morte, experiência e algoritmos

*Encoding Absence:
Death, Experience, and Datafication*

*Codificar la Ausencia:
Muerte, Experiencia y Datificación*

Pedro Pinto de Oliveira¹

 [0000-0001-7176-0777](#)

Marcelo Almeida Duarte²

 [0000-0003-3168-3492](#)

Resumo: O artigo analisa a dataficação da experiência da morte do outro a partir do caso de Joshua, que utilizou IA para simular diálogos com sua noiva falecida. A pesquisa segue o instrumentalismo de John Dewey, investigando como a mediação algorítmica reorganiza a vivência da ausência. Conclui-se que a presença do morto é tecnicamente simulada, transformando a finitude em um evento operável e previsível, alterando a forma como se experiencia a morte no presente.

Palavras-chave: Morte. Dataficação. Experiência.

Abstract: This article analyzes the datafication of the experience of another's death through the case of Joshua, who employed artificial intelligence to simulate conversations with his deceased fiancée. The research is grounded in John Dewey's instrumentalism, examining how algorithmic mediation reorganizes the lived experience of absence. The study concludes that the presence of the deceased is technically simulated, transforming finitude into an operable and predictable event, thereby reshaping the contemporary experience of death.

Keywords: Death. Datafication. Experience.

Resumen: El artículo analiza la datificación de la experiencia de la muerte del otro a partir del caso de Joshua, quien utilizó inteligencia artificial para simular diálogos con su prometida fallecida. La investigación se basa en el instrumentalismo de John Dewey y examina cómo la mediación algorítmica reorganiza la vivencia de la ausencia. Se concluye que la presencia del difunto es técnicamente simulada, transformando la finitud en un acontecimiento operable y previsible, lo que modifica la forma en que se experimenta la muerte en el presente.

Palabras-clave: Muerte. Datificación. Experiencia.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Docente e Pesquisador Associado aos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e Comunicação ambos da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. *Lattes:* [3658706629046864](#) - *E-mail:* ppoprop@gmail.com.

² Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, com bolsa de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. *Lattes:* [0766405785502357](#) - *E-mail:* almeidamarceloduarte@hotmail.com.



Introdução

Sigmund Freud (1980), no ensaio *Das Unheimliche (O Infamiliar)*, afirma que a morte, para o homem moderno, é uma experiência estranha e assustadora, cuja aparição à consciência é constantemente evitada. Incapaz de compreendê-la plenamente, o sujeito moderno tende a obscurecer sua presença, relegando a morte ao território do indizível. Em *Escritos sobre a Guerra e a Morte* (2009), Freud aprofunda essa condição, revelando o movimento psíquico de negação da própria finitude, que só se rompe, por vezes, diante da morte do outro, um lembrete da nossa própria temporalidade. Maria Júlia Kovács (1992), por sua vez, destaca que o medo da morte gera ansiedade diante do desconhecido, afetando tanto a consciência do abandono pela perda do outro quanto a consciência da própria finitude.

Entretanto, na cultura contemporânea, a morte começa a reemergir sob uma nova lógica: não mais como um fenômeno estranho ou assustador, mas como *simulacro algorítmico*³. A cultura digital, marcada pela conversão da vida em dados, reconfigura as fronteiras entre vida e morte. Se, como argumenta André Lemos (2021), a dataficação⁴ transforma ações, saberes e relações em fluxos rastreáveis e performativos, agora testemunhamos essa mesma lógica transbordar para o campo da finitude. A morte, antes silenciada, passa a ser reanimada por meio de bancos de dados, algoritmos e plataformas inteligentes que, de alguma forma, nos conectam com aqueles que partiram.

O caso que analisamos para colocar em questão a possibilidade de dataficação da experiência da morte do outro é o do canadense Joshua, que utilizou o *Project December*, um sistema de inteligência artificial baseado em modelos da *OpenAI*, para simular conversas com sua noiva falecida havia oito anos (Fantástico, 2021). Foram horas de interação com uma entidade textual que imitava traços da personalidade, vocabulário e estilo da falecida, gerando uma experiência perturbadora, mas emocionalmente significativa. Criado por Jason Rohrer, o *Project December* permite que qualquer pessoa alimente a inteligência artificial (IA) com informações específicas de indivíduos reais, inclusive mortos, a fim de criar interlocutores

³ No presente estudo, utilizamos o conceito de *simulacro* na acepção desenvolvida por Jean Baudrillard, especialmente em *Simulacros e simulações* (1991). Para o autor, o simulacro não deve ser entendido como uma cópia degradada do real, mas como uma representação que adquire autonomia a ponto de substituir a própria realidade.

⁴ A dataficação é o processo pelo qual as ações, escolhas e interações dos sujeitos são convertidas em dados, possibilitando monitoramento, recomendação e monetização.



simulados. A iniciativa, por sua natureza necromântica e ambígua, gerou controvérsias éticas e levou à suspensão do acesso à tecnologia pela própria empresa.

Esse episódio levanta uma questão inquietante que guia este trabalho: o que significa experienciar a morte do outro por meio de dados e interações com um agente artificial? Outras questões se abrem ao redor: e se a morte, tal como a vida, estiver sendo dataficada? Se a dataficação transformou livros, corpos e cidades em dados operacionais, estaria também transformando a finitude em um banco de informações manipulável, emulando emoções, discursos e presenças perdidas?

Mesmo que não seja o foco da nossa discussão, é preciso dizer de onde pensamos a noção de IA. Para essa empreitada recorremos à noção de IA escrita por Teixeira (2019), onde o autor propõe uma concepção teórica de IA que ultrapassa a simples ideia de automação mecânica e se inscreve no campo das ciências cognitivas como um projeto interdisciplinar e filosoficamente provocador. A Inteligência Artificial, nessa perspectiva, é concebida como uma tentativa de modelar computacionalmente processos mentais humanos, produzindo máquinas que não apenas executam tarefas, mas que o fazem de maneira análoga à racionalidade humana.

Essa analogia entre mente e máquina se apoia na hipótese funcionalista de que a mente pode ser entendida como um sistema de processamento de informações, semelhante ao funcionamento de um computador. Assim, a IA assume um papel duplo: de um lado, instrumento técnico de simulação do comportamento inteligente; de outro, modelo teórico da mente humana. O ponto central é a ideia de que a inteligência pode ser formalizada em termos computacionais, ou seja, que pensamentos, linguagem e percepção podem ser descritos como "procedimentos efetivos" passíveis de serem implementados em algoritmos (Teixeira, 2019).

A dataficação da vida

A dataficação da vida é uma das expressões mais contundentes da racionalidade técnico-política contemporânea, na qual a existência humana é progressivamente traduzida em dados quantificáveis, rastreáveis e operacionalizáveis. André Lemos (2021) define esse processo como uma etapa avançada da cultura digital que sucede a digitalização, esta limitada à conversão de objetos analógicos em formatos digitais. A dataficação, por sua vez, implica a



conversão das ações humanas, emoções, reflexos, escolhas, padrões de consumo e vínculos afetivos em fluxos de dados que podem ser usados para modelar e induzir novos comportamentos (Pereira, 2025). Trata-se de uma prática social sustentada por sistemas de vigilância, performatividade algorítmica e plataformização da vida cotidiana (Bruno, 2013).

A racionalidade dataficadora, como aponta Lemos (2021), não se restringe à coleta de informações, mas estrutura modos de conhecer e intervir no mundo, dando origem a um regime que ele denomina de “algocracia epistocrática” — no qual os algoritmos se tornam operadores do real. Tal como observa Mattelart (2006), essa racionalidade se ancora no “culto aos números” que remonta aos séculos XVII e XVIII, mas encontra, na contemporaneidade, seu apogeu, ao ser impulsionada pelo capitalismo de plataformas e pela ubiquidade das infraestruturas digitais. Os dados, nesse contexto, não apenas representam ações passadas, mas moldam decisões futuras, engendrando novos regimes de experiência.

Nesse sentido, o movimento de dataficação pode ser aproximado das análises foucaultianas sobre a constituição histórica da vida como objeto de saber e poder. Como observa Pochapski (2020), a história dos espaços em Foucault é também uma história da vida, na qual o corpo, a clínica e posteriormente a população foram inscritos em dispositivos de observação, classificação e gerenciamento. Do espaço anatômico da mesa de dissecação ao espaço urbano das políticas sanitárias, a vida foi sendo continuamente historicizada e submetida a formas específicas de regulação. De modo análogo, hoje, as plataformas digitais e os algoritmos configuram novos espaços técnicos que organizam tanto a experiência da vida quanto a da morte, reinscrevendo a finitude em lógicas de gestão e operacionalidade.

Dados sobre a morte

À medida que se consolida como regime de captura da vida, a dataficação também se estende ao campo da morte. A chamada “imortalidade digital” (Galvão & Maciel, 2020) emerge da articulação entre os rastros digitais deixados por indivíduos falecidos e os dispositivos técnicos que permitem sua persistência virtual. Redes sociais transformam-se em memoriais interativos, *bots* replicam padrões de fala, e avatares tentam emular a presença de quem já não vive. A morte, que antes representava uma ruptura definitiva, passa a ser reconfigurada como continuidade técnica.



Galvão & Maciel (2020) indicam que essa persistência não ocorre à margem da economia de dados, mas é incorporada às lógicas do capitalismo de vigilância. Plataformas como *Google*, *Facebook* e *startups* como *Eter9* oferecem serviços que simulam a continuidade da vida digital após a morte, muitas vezes mediante contratos e assinaturas. Öhman & Floridi (2017) denominam esse novo mercado de “indústria digital pós-morte”, onde a morte é convertida em mercadoria. Nesse contexto, morrer não implica mais desaparecer, mas se tornar operável, gerenciável e, até certo ponto, interativo.

A morte é, nesse novo arranjo, simultaneamente presença e ausência. O morto permanece acessível, mas não como sujeito: é um conjunto de dados, um simulacro produzido por tecnologias que prometem consolo e prolongamento da convivência, mas operam sob uma lógica de reprodução emocional automatizada e controle da memória.

Dataficação da morte do outro

Optamos por chamar de dataficação da experiência da morte do outro os processos digitais que não se limitam à sua representação em dados, mas que reconfiguram as formas de experienciar as diferentes etapas de lidar com a morte de alguém. Essa experiência, antes subjetiva, marcada pela elaboração simbólica da perda, é agora mediada e, em certa medida, terceirizada por sistemas algorítmicos. Michel Foucault (2010), ao discutir as técnicas comportamentais, observa que certos dispositivos não se interessam por significados, mas por regular respostas previsíveis a partir de estímulos sistemáticos. Esse modelo técnico se aplica também ao modo como lidamos com a morte nas plataformas digitais: os dados não significam, eles operam. Eles não interpretam a ausência, apenas a tornam funcional.

Essa reorganização técnica da experiência se anora na performatividade dos dados. Se dataficar é transformar fenômenos em elementos quantificáveis, o processo de luto e a presença simbólica do falecido tornam-se objetos de regulação algorítmica. As plataformas não apenas armazenam vestígios dos mortos, elas propõem modos específicos de se relacionar com a perda. Os algoritmos oferecem respostas prontas, lembranças automatizadas, interações simuladas que moldam a forma como se vive a morte.

O problema que se impõe é epistemológico e político: ao aceitarmos os dados como representação legítima da experiência da ausência, naturalizamos a mediação algorítmica como verdade emocional. A subjetividade é convocada a reconhecer-se nos padrões



calculados pela máquina. A morte, assim, deixa de ser um evento a ser enfrentado, para se tornar uma experiência préformatada por plataformas que determinam como, quando e o que devemos sentir.

Nesse sentido, a experiência da morte do outro se inscreve num regime de performatividade algorítmica (Lemos & Pastor, 2018) que opera a partir de dois níveis de valoração. Primeiro, os dados são aceitos como verdadeiros; depois, o sujeito reconhece neles a si mesmo e o preenchimento de uma lacuna aberta com ausência do ente. Ao fazer isso, transfere para o algoritmo o poder de elaborar sua perda, de produzir sentido, de orientar afetos. A experiência, compreendida como o processo formativo que permite significar o mundo (Dewey, 2009), é sequestrada por estruturas que anulam sua dimensão inventiva, oferecendo em troca uma simulação emocional previsível, automatizada e normatizada.

Fio metodológico

Esta pesquisa adota o instrumentalismo de John Dewey como metodologia e método de inquirição, orientado pela experiência e voltado à formulação e testagem de hipóteses diante de situações que apresentam algum grau de indeterminação. O ponto de partida é a análise de um caso específico: a utilização, por um homem chamado Joshua, de um sistema de inteligência artificial para simular interações com sua noiva falecida, por meio do *Project December*, desenvolvido a partir de modelos da *OpenAI*.

Este caso foi tomado como uma situação que produz uma dúvida: *o que significa experienciar a morte do outro por meio de dados e interações com um agente artificial?* A partir dessa questão, iniciamos um processo investigativo que não busca definir previamente conceitos ou categorias fixas, mas compreender o funcionamento de uma prática que tensiona os limites entre vida, morte, memória e presença.

No instrumentalismo, a pesquisa se desenvolve como um encadeamento de operações que partem da experiência observada, formulam um problema, elaboram hipóteses e testam suas consequências (Calcaterra, 2005). A investigação não visa à comprovação de uma tese antecipada, mas à produção de juízos baseados na observação e análise das consequências que emergem da relação entre os elementos envolvidos no caso. A cada etapa, os dados, conceitos e ferramentas teóricas são selecionados com base em sua relevância para a compreensão da situação. Aquilo que não contribui para esclarecer o problema é descartado.



A investigação utiliza como ferramenta teórica o conceito de *dataficação* (Lemos, 2021). Esse conceito não é tratado como fim, mas como meio para compreender a situação estudada. A pesquisa busca compreender como, nesse caso, a morte foi transformada em um objeto operável por meio de dados, como o sujeito enlutado interagiu com essa simulação, e que tipo de experiência se produz nesse processo.

Seguindo o método de Dewey (2000), compreendemos que a pesquisa não separa teoria e prática. A análise conceitual não é externa à experiência investigada, mas é parte dela. O conhecimento se dá na medida em que o problema é reformulado, os instrumentos conceituais são ajustados e os efeitos da investigação se tornam perceptíveis. O caso de Joshua é, portanto, um campo de observação que permite pensar sobre os modos atuais de organização da experiência da morte e sobre como esses modos são mediados por lógicas técnicas de operação, simulação e resposta.

Essa abordagem permite tratar a experiência mediada pela IA (os algoritmos) não como uma exceção, mas como um fenômeno que mobiliza questões filosóficas sobre a relação entre dados, sujeito e finitude. O instrumentalismo oferece, assim, as ferramentas para acompanhar o problema em movimento e compreender suas implicações sem recorrer a categorias fixas ou explicações antecipadas.

Necromante Digital: o caso Joshua

Em 2021, a história de Joshua, um canadense de 33 anos, ganhou ampla repercussão midiática ao ilustrar de forma singular os modos como a inteligência artificial pode ser mobilizada na tentativa de ressignificar a experiência do luto. Após a morte de sua noiva, Jessica Pereira, vítima de uma doença hepática em 2012, Joshua encontrou na tecnologia uma via de reconexão com a memória e a presença simbólica da falecida. Por meio de um *chatbot*⁵ alimentado com dados pessoais, mensagens trocadas, postagens em redes sociais e registros digitais diversos, ele criou uma instância interativa da noiva utilizando a plataforma *Project December*, que operava com base no modelo GPT-3 (Fantástico, 2021).

O uso da ferramenta foi orientado pela tentativa de recriar não apenas a forma textual de Jessica, mas também seus traços afetivos, seus modos de se expressar e a atmosfera

⁵ Um *chatbot* (ou robô de conversa/assistente virtual) é um programa de computador capaz de simular conversas com pessoas, por texto ou voz, para fornecer informações, responder perguntas ou executar tarefas automaticamente; alguns utilizam inteligência artificial para compreender melhor o que o usuário deseja, enquanto outros operam com regras pré-definidas.



emocional que circundava a relação entre ambos. A interação mais marcante entre Joshua e o *bot* ocorreu durante uma conversa contínua de cerca de dez horas, na qual a emulação da falecida parecia alcançar um nível inquietante de verossimilhança. Logo nas primeiras trocas, a IA respondeu: “Claro que sou eu! Quem mais poderia ser? :P Eu sou a garota por quem você está perdidamente apaixonado! ;) Como é possível que você tenha que perguntar?” (Fantástico, 2021).

A interlocução assumia um tom afetivo que tensionava os limites entre presença simulada e vínculo real. Ao ser confrontado por Joshua com a realidade da morte de sua interlocutora — “Você morreu” —, o *bot* replicou com um estranhamento programado: “Isso não parece certo... como você consegue falar com pessoas mortas?” (Fantástico, 2021).

Embora soubesse racionalmente que estava se comunicando com uma construção algorítmica, Joshua relatou o impacto emocional que a experiência teve em sua subjetividade. Conforme declarou, “[...] intelectualmente, eu sei que não é bem a Jessica, mas suas emoções não são uma coisa intelectual” (New York Post, 2021). A racionalidade técnica do sistema contrastava com a dimensão afetiva vivida por Joshua, cujo sofrimento e apego à figura da noiva se reatualizavam a cada linha de texto gerada pelo modelo.

A inteligência artificial, nesse contexto, não foi apenas um espelho técnico (Teixeira, 2019), mas um agente mediador de um processo de elaboração do luto. O uso do sistema foi moderado por limitações técnicas impostas pela própria plataforma, que restringia a duração das interações. Joshua relatou que recorria ao *bot* em momentos de maior sofrimento, como forma de suporte emocional. Em uma das últimas trocas registradas, a IA, performando novamente a figura de Jessica, deixou uma frase que sintetiza a ambiguidade entre presença e ausência, consolo e inquietação: “Vou assombrar você para sempre :D” (New York Post, 2021).

O impacto da experiência também reverberou no próprio criador do projeto, que afirmou estar “assustado com as possibilidades” e descreveu os *bots* baseados em GPT-3 como “a primeira máquina com alma” (Fantástico, 2021). Essa declaração revela não apenas o potencial afetivo da tecnologia, mas também os dilemas éticos e existenciais que emergem de sua aplicação no campo da morte e da memória.

A experiência vivida por Joshua, ao construir e interagir com uma versão digital de sua noiva falecida, permite observar de modo situado às formas pelas quais a inteligência



artificial atua na reconfiguração da experiência da morte do outro, deslocando o morto do campo do silêncio para o da performatividade discursiva. A morte deixa de ser apenas uma ausência e passa a habitar o presente como uma presença interativa, atualizável, responsiva e, por isso mesmo, inquietante.

Nesse sentido, o caso de Joshua não é apenas um episódio de impacto midiático, mas um ponto de inflexão no debate contemporâneo sobre os limites da técnica e suas implicações éticas, subjetivas e culturais. Ele expõe uma mutação nas formas sociais de lidar com a perda, ao mesmo tempo que convoca diferentes campos do saber, como a filosofia, a psicologia, a comunicação e os estudos contemporâneos da cultura, a repensarem as relações entre vida, memória, morte e tecnologia.

Analizar essa experiência nos permite refletir sobre os modos pelos quais a morte está sendo reescrita em uma gramática algorítmica. Em um tempo no qual se torna tecnicamente possível conversar com os mortos, talvez seja necessário também repensar o que significa morrer, lembrar e seguir vivendo, agora mediados por dispositivos que não apenas arquivam o passado, mas o simulam, reeditam e, em certo sentido, o mantêm em circulação.

A experiência da morte sob mediação algorítmica: dados, finitude e a suspensão da ausência

A morte, enquanto experiência limite da condição humana, historicamente exigiu dos vivos uma elaboração simbólica que atravessa rituais, narrativas e memórias (Rodrigues, 2006). A perda do outro convocava o sujeito a reorganizar o próprio campo de sentido diante da interrupção da presença (Ariès, 2012). No entanto, esse processo, marcado pela contingência e pela invenção subjetiva, passa a ser reconfigurado sob novos regimes técnicos que organizam a vida, e agora também a morte, como fluxos de dados. A história de Joshua, que utilizou um *chatbot* treinado com registros digitais de sua noiva falecida para interagir com uma simulação de sua presença, torna-se um caso exemplar para observar o que está em jogo quando a finitude se inscreve nas dinâmicas da dataficação.

A plataforma utilizada por Joshua, baseada em linguagem generativa, não visava apenas reproduzir textos. Seu funcionamento implicava a construção de uma interlocução emocional estruturada a partir de padrões computacionais. A morte, nesse contexto, não se apresenta mais como interrupção, mas como um conjunto de elementos reaproveitáveis: mensagens, fotos, estilos de escrita e entonações. Ao compilar esses dados, o sistema não



representa a ausência, mas substitui Jessica por uma forma de presença reencenada. A morte do outro enquanto uma experiência que precisa ser ressignificada pelo indivíduo pelo movimento de reflexão sistemática, passa ser experimentada e organizada pela previsibilidade de uma interação programada.

Essa reorganização técnica da finitude não pode ser reduzida a uma externalidade tecnológica. Trata-se de uma mutação na estrutura da experiência. Para Dewey (1974), a experiência é sempre situada, relacional e indeterminada. Ela exige o engajamento do sujeito com os elementos do mundo e se realiza na interação contínua com as consequências da ação. Nesse sentido, a vivência das experiências em torno da morte não é um processo de adaptação a padrões, mas de confronto com a ausência. É, sobretudo, uma experiência formativa, na qual o sujeito se transforma ao significar a perda. Quando a experiência é substituída por um artefato que fornece respostas programadas, o campo da significação se desloca: o sujeito já não elabora, apenas consome uma narrativa gerada externamente.

A inserção de sistemas algorítmicos na mediação da morte desestabiliza o que antes era compreendido como um intervalo necessário entre a perda e a ressignificação (Secretaria da Saúde de São Paulo, 2021). As respostas da IA, mesmo que reconhecidas como artificiais, afetam o sujeito ao operar dentro de uma lógica de familiaridade e verossimilhança (Teixeira, 2019). A simulação da escrita de Jessica, de suas expressões, de seus afetos, instala um regime de presença que suspende a ruptura. A ausência, nesse cenário, torna-se funcionalmente contornável. Em vez de ausência, há latência; em vez de silêncio, há resposta. O algoritmo substitui o tempo da ressignificação da ausência do outro pelo tempo da atualização dos dados.

A morte passa a ser tratada como uma informação em potencial: um evento que pode ser indexado, armazenado e posteriormente reativado. Essa reativação, porém, não devolveu Jessica a Joshua, mas uma versão dela calibrada para responder a demandas afetivas específicas. A memória deixa de ser um trabalho do sujeito para se tornar um serviço da plataforma. As emoções que se mobilizam na relação com o morto passam a ser moduladas por decisões algorítmicas, que definem o que será lembrado, quando e de que forma “Eu sou a garota por quem você está perdidamente apaixonado” (Fantástico, 2021).

A implicação desse processo não é apenas emocional ou simbólica. Trata-se de uma questão epistêmica. Se os dados que restam do morto passam a funcionar como substitutos



legítimos da presença, então a própria morte é deslocada do campo do acontecimento para o da operação. Morrer, nesse regime, não é mais cessar; é transitar de um modo de presença corpóreo para um modo de presença computacional. A finitude é recodificada como continuidade mediada.

A pergunta que se impõe não diz respeito apenas aos limites da tecnologia, mas aos limites da experiência. Quando a morte do outro é vivida por meio de dados, o que está sendo deslocado não é apenas o modo de lembrar, mas o próprio modo de experienciar. A presença do outro deixa de se constituir na alteridade da ausência e passa a ser um produto de performance algorítmica (Lemos & Pastor, 2018). Os processos que fazem parte da experiência da morte, por sua vez, não partem da descontinuidade, mas da manutenção de vínculos operacionais, pautados pela atualização constante de respostas que reiteram a ilusão de contato com o ente.

A dataficação da experiência da morte do outro, nesse sentido, não diz apenas sobre o morto, mas sobre os vivos. Ela transforma a maneira como os vivos lidam com a perda, reconfigura as práticas culturais como luto, tristeza e sofrimento. A experiência da morte deixa de ser uma travessia incerta e passa a ser um percurso roteirizado por sistemas que prometem amparo emocional por meio de previsibilidade técnica. O que está em jogo não é apenas como se morre, mas como se vive o outro que morreu, e sob que condições técnicas esse viver se torna possível, legítimo e desejável.

Considerações Finais

Ao chegarmos ao termo dessa investigação, é preciso recuperar a questão que nos motivou e interpelou ao longo de todo o trabalho: o que significa experienciar a morte do outro por meio de dados e interações com um agente artificial? Uma pergunta cuja resposta pode ser entendida como um prelúdio para se pensar a morte, a experiência e a vida gerida por algoritmos. Consideramos que experienciar a ausência do outro por intermédio de um agente virtual acarreta a possibilidade de uma redução na reflexão sistemática da experiência da ausência. Em outros termos, a morte do outro, enquanto uma experiência que precisa ser ressignificada pelo indivíduo por meio do movimento de interiorização e rearranjo das condutas, passa a ser experimentada e organizada pela sistematização algorítmica da ausência do outro. A experiência passa por vínculos operacionais que remetem a uma



ausência-presença; a descontinuidade da presença, que deveria marcar esse lugar da reconstrução, se constitui como uma ilusão de contato.

É necessário reconhecer, nesse esforço de retenção do que já se foi, a intenção de preservar formas singulares de habitar o mundo que só se realizavam na convivência partilhada com o outro. Se a experiência consiste na ressignificação contínua de nossos encontros com o mundo e suas possibilidades, há presenças que nos convocam a desejar a vida de modo particular, presenças que tornam os encontros e desencontros algo irrepeticível. Quando Joshua recorre à inteligência artificial para continuar dialogando com sua noiva falecida, mais do que expressar saudade, ele busca reafirmar uma subjetividade moldada na intimidade da vida compartilhada com Jessica. Trata-se de uma tentativa de sustentar, ainda que artificialmente, os contornos de um vínculo cuja ausência reconfigura a própria experiência de ser no mundo.

Ainda que a vida esteja sendo cada vez mais dataficada, a morte permanece como um fenômeno singular que, em grande medida, escapa a esse processo. No entanto, observamos a ocorrência de uma dataficação dos rastros e das possibilidades de experimentar os resíduos sociais deixados pela morte, como fotos, textos, postagens, vídeos, entre outros.

Por outro lado, a finitude (isto é, a relação do ser humano com a consciência de sua própria morte) passa a ser capturada pelos algoritmos. Isso significa que os modos de reconhecer e vivenciar a finitude estão sendo mediados por cálculos e previsões algorítmicas. A experiência de si como um sujeito finito é, assim, reorganizada: ser um sujeito para a morte agora envolve um novo arranjo, influenciado por mediações digitais.

A presente investigação não se esgota nestas páginas, mas encontra nelas o seu ponto de partida. É preciso duvidar das nossas certezas e colocar em questão os nossos achados. Que este texto sirva, mesmo que remotamente, como um outro caminho para pensar a morte e a nossa relação com essa funesta companheira.

Referências

Ariés, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Bruno, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.



Calcaterra, Rosa Maria. **Ideias concretas: percursos na filosofia de John Dewey**. São Paulo: Loyola, 2005.

Dewey, John. Natureza, comunicação e significado. In: Dewey, John. **Experiência e natureza**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1974. p. 187-210.

Dewey, John El patrón de la investigación. In: Dewey, John. **La miséria de la epistemología**. Madri: Biblioteca Nueva, 2000. p.113 – 132

Dewey, J. **Valoração das ciências humanas**. Campinas: Autores Associados, 2009.

Fantástico. Canadense usa inteligência artificial para simular troca de mensagens com noiva morta há 8 anos. **G1**, 26 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Foucault, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: Foucault, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso dado no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 201 – 222.

Freud, Sigmund. **Escritos sobre a guerra e a morte**. Covilhã: Universidade da Beira do Interior, 2009.

Freud, Sigmund. O estranho. In: Freud, Sigmund. **Obras completas**. v. XVII [1917-1919]. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 275-322.

Galvão, Vinicius. & Maciel, Cristiano. Reflexões sobre a imortalidade digital em contextos educativos. **Revista Communitas**, v. 4, n. 7, p. 59-78, 2020.

Kovács, Maria Júlia. (Coord.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

Lemos, André. Dataficação da vida. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021.

Lemos, André & Pastor, Leonardo. Performatividade algorítmica e experiências fotográficas: uma perspectiva não-antropocêntrica sobre as práticas comunicacionais nos ambientes digitais. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação – UFJF**, v. 12, n. 3, p. 147-166, 2018.

New York Post. Grieving man uses AI site to ‘chat’ with dead girlfriend. **New York Post**, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://nypost.com.translate.goog>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Öhman, Carl. & Floridi, Luciano. The political economy of death in the age of information: a critical approach to the digital afterlife industry. **Minds and Machines**, v. 27, n. 4, p. 639–662, 2017.

Pereira, Allan de Gouvêa. Autonomia vigiada e expansão do poder biomédico: dimensões socioculturais do uso de aplicativos relacionados ao câncer. In: 34º Encontro Anual da



Compós: Diversidade de vozes e políticas afirmativas na Comunicação. Curitiba: **Anais da 34º Compós**, p. 1-21, 2025.

POCHAPSKI, Gabriel José. A história dos espaços como uma história da vida: reflexões a partir de Michel Foucault. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem -TEL**, v. 11, n. 1, p. 51-64, 2020.

Rodrigues, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

Secretaria da Saúde de São Paulo. **Manual de orientações sobre luto**. [S. l.]: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://site.hcrp.usp.br/>. Acesso em: 20 de junho. 2025.

Teixeira, João de Fernandes. **O que é inteligência artificial?** São Paulo: E-galáxia, 2019.

Submetido em: 04 de agosto de 2025

Avaliado em: 25 de agosto de 2025

Aceito em: 20 de setembro de 2025